



## Ensino & Pesquisa

Ensino & Pesquisa magazine is an interdisciplinary journal of the State University of Paraná (UNESPAR), Center for Humanities and Education. Its objective is to publish scientific articles focused on undergraduate and teacher education. Quadrennial Classification 2013-2016 - Teaching B1. (Preprints Policy-AUTHOREA Plataforma) ISSN: 2359-4381

<https://doi.org/10.33871/23594381.2021.19.1.201-209>



### Entrevista com Ana Carolina Eiras Coelho Soares

Por: **Marta Gouveia de Oliveira Rovai**, Doutora em História Social, pela Universidade de São Paulo (USP), Pesquisadora do Núcleo de Estudos em História Oral (NEHO), da Universidade de São Paulo e do Formatio (Processos de Formação e Profissionalidade Docente (Formatio/UNIFAL), Integrante da Rede Brasileira de História Pública, [martarovai88@gmail.com](mailto:martarovai88@gmail.com) e **Kenia Gusmão Medeiros**, Doutora em História, professora do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás (IFG), Pesquisadora do (NEP-TECC/IFG) [kenia.medeiros@ifg.edu.br](mailto:kenia.medeiros@ifg.edu.br)

---

**Submissão:** 2021-05-18. **Aprovação:** 2021-05-18. **Publicação:** 2021-05-31.

---

#### Biografia

**Ana Carolina Eiras Coelho Soares:** Feminista, mãe de duas crianças, escritora, poeta, dançarina de dança do ventre, plantadora de árvores, pesquisadora e professora universitária. Professora Efetiva do Programa de Pós-Graduação em História-UFG e Professora Associada da Faculdade de História da Universidade Federal de Goiás; Coordenadora do Grupo de Estudos e Pesquisas de Gênero da Faculdade de História (GEPEG/FH/UFG-CNPq); Coordenadora do GT Mulheres Cientistas e Maternidades Plurais (FH/UFG-CNPq); Coordenadora do GT regional de Gênero da ANPUH- Seção Goiás; Membro da diretoria da ANPUG/GO; Membro da Sociedade de Estudos dos Oitocentos; Membro da APPERJ (Associação profissional de poetisas do Estado do Rio de Janeiro) e escritora da coluna “Crônicas de Mãe” para a Revista Cláudia Online. Possui graduação em História pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (2001), especialização em Psicopedagogia pela Universidade Cândido Mendes (2008), mestrado em História pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (2003), doutorado em História pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (2009) e pós-doutorado em Antropologia pela UNB (2017). Atualmente está realizando seu segundo pós doutoramento na UFES sob supervisão da profa. dra. Maria Beatriz Nader e está coordenadora

do Grupo de Estudos e Pesquisa de Gênero da Faculdade de História/UFG, coordenadora do GT regional de Gênero da ANPUH- Goiás, professora do Programa de Pós-Graduação em História-UFG e professora Associada da Faculdade de História da Universidade Federal de Goiás. Tem experiência na área de História, com ênfase em estudos sobre a imprensa, literatura, feminismos e sexualidades, atuando principalmente nos seguintes temas: história cultural, gênero, mulheres, violência, literatura, sexualidades, século XIX e XX, José de Alencar e Brasil. É escritora de livros de poesias, infanto-juvenil premiado, contos e livros acadêmicos. É autora de diversos artigos acadêmicos, capítulos de livros, livros de poemas, livro infanto-juvenil e participação em coletâneas de poemas e contos. Dentre suas obras publicadas, destacam-se: *Moça Educada, Mulher Civilizada, Esposa Feliz: Relações de Gênero e História em Alencar*, EDUSC, (2012); *Toda Menina pode ser Mulher*, Oficina editora (2008); *Delírios e Delícias de uma Menina-Mulher*, Oficina editora, (2014); *Amar é o verbo que rima com Paz*, Metanóia, 2015 (Prêmio menção honrosa “Educando com respeito à diversidade sexual” pelo IBDSEX em 2017); *História das Mulheres e das Relações de Gênero no Centro-Oeste: trajetórias e desafios* (orgs.), Editora Life, (2020); *Maternidades Plurais: os diferentes relatos, aventuras e oceanos das mães cientistas na pandemia* (orgs.), Editora Bindi, (2020). Esteve de licença maternidade em 2011 e 2017/2018.



Insta: @anacarolinacoelho79 E-mail: [anacarolinaufg@gmail.com](mailto:anacarolinaufg@gmail.com)

Como organizadoras deste dossiê, convidamos essa grande professora, que vem atuando na promoção de diálogos sobre gênero, dentro e fora da academia. Seja no ensino de História, na divulgação de pesquisas ou na comunicação com públicos não acadêmicos, Ana Carolina Eiras Coelho Soares se destaca por sua capacidade de abrir espaços de diálogo sobre diferentes temas que se relacionam com as relações de gênero. Por conta do contexto de pandemia, a entrevista foi realizada por meio virtual. Mesmo que fisicamente distantes, nos sentimos conectadas com a generosidade e a potência das suas falas. Ficamos imensamente felizes por Ana Carolina ter aceitado nos conceder essa entrevista.

**Marta e Kenia** - Professora, primeiramente obrigada por nos conceder essa entrevista, estamos imensamente felizes por poder conversar com você! Gostaríamos de começar falando um pouco sobre como você começou sua trajetória nos estudos de gênero.

**Ana Carolina-** É um grande prazer conversar com vocês, igualmente. Minha trajetória nos estudos de gênero tem início efetivamente na graduação em História, no final da década de 1990, quando tive contato com os primeiros textos que falavam de “Mulheres” e mostravam uma outra maneira de se pensar e fazer história, que eu desconhecia antes de entrar na universidade. Claro que já tinha ouvido falar das “grandes mulheres” da História, mas elas eram sempre rainhas, bruxas ou heroínas exemplares. As mulheres das pesquisas das professoras Maria Odila, Rachel Soihet, Mary Del Priore, Maria Izilda, Margareth Rago, Joana Pedro, Michelle Perrot e tantas outras pesquisadoras pioneiras, que tenho certeza que deixei passar algum nome importante – essas mulheres existiam no meu dia-a-dia – eu conseguia entender e me relacionar com esse passado. Foi um clique que se aprofundou com as leituras de Joan Scott – uma grande intelectual e fonte de constante renovação e inspiração para mim. Foi o início de um “caminho sem volta”, eu diria, a respeito do que eu entendo por História e da minha história (risos).

**Marta e Kenia** - Que significados predominam para o gênero na nossa cultura histórica, entendendo a mesma como compreensões e narrativas sobre o passado que estão presentes em vários espaços, como mídias, museus, monumentos em praça pública, dentre outros espaços?

**Ana Carolina** - As hegemonias são quase sempre a marca desses espaços públicos e, portanto, as feminilidades e masculinidades hegemônicas engendradas pelos discursos sociais e culturais diversos aparecem nos pequenos detalhes e grandes escolhas: desde quem será a pessoa “homenageada” de uma exposição até a discrepante diferença entre os gêneros nas composições das equipes que organizam esses lugares. As disputas pelos poderes, cerne do conceito das relações de gênero, aparecem: nas narrativas das peças publicitárias; nos pares românticos; divisões cênicas geográficas dos núcleos de personagens das novelas; nos elencos dos filmes e seriados; na seleção e nos pareceres das decisões sobre “quem” tem mais importância para ser lembrado nessa operação de protagonismo/esquecimento operados pelos agentes de produção/manutenção/bastiões da nossa memória.

**Marta e Kenia** - O Ensino de História é uma dimensão pública de divulgação e produção de conhecimento. Considerando políticas públicas, documentos curriculares e as disputas que sobre ele se desdobram no cotidiano escolar, você avalia que a incorporação de perspectivas de gênero nas aulas de História tem alcançado resultados e impactos em termos de mudanças na cultura histórica?

**Ana Carolina** - Fico muito feliz em dizer que o cotidiano escolar se alterou de forma significativa nos últimos 40 anos e, hoje, temos realmente uma discussão efetiva sobre papéis

de gênero, normas e comportamentos, em diversos momentos e instâncias pedagógicas. Seria uma ilusão pensar que tudo se dá de maneira harmoniosa e sem conflitos. Há uma disputa pelo controle dos currículos e uma tentativa de desqualificação de qualquer trabalho que proponha uma reflexão crítica porque é muito perigoso ter pessoas interessadas e animadas em estudar, ler e estudar, realmente. Essa é uma das verdades sobre a Educação que não muda: um educar que promove o protagonismo das pessoas e de seus próprios saberes, valorizando todos os conhecimentos como importantes e válidos sempre será revolucionário porque traz consigo o respeito à diferença e a consideração pela pluralidade.

**Marta e Kenia**- Ana, Você tem textos em que analisa os usos, potencialidades e desafios da categoria de gênero no Ensino de História. Como você percebe atualmente as discussões que circulam sobre a chamada “ideologia de gênero” ?

**Ana Carolina** - Como uma tentativa muito bem-sucedida, de determinadas entidades e pessoas, em ressignificar a categoria analítica das relações de gênero de uma maneira deturpada e plena de preconceitos embutidos para servir aos propósitos políticos de quem usa esse termo. Podemos repetir, e o fazemos sempre, que “Ideologia de gênero” NÃO EXISTE COMO CATEGORIA ANALÍTICA em trabalhos acadêmicos, mas os criadores dessa versão conceitual insistirão em propagandear o uso desse conceito como forma de “provar” seus argumentos completamente ideológicos sobre os estudos de gênero.

**Marta e Kenia** - O gênero faz parte das narrativas, gestos e performances que os estudantes levam consigo para as instituições de ensino, mas além da aula de História, que tipos de encontros, espaços e diálogos com objetivo de promover educação para as relações de gênero podem ser mobilizados por professores?

**Ana Carolina**- TUDO! Debates de filmes, animações, quadrinhos, animes, seriados, tirinhas, jornais; mesas-redondas; passear pela cidade; entrar em uma loja de roupas, brinquedos; conversar com pessoas na rua sobre suas vidas; observar quem trabalha onde e em qual cargo nas empresas; entrevistas com familiares; elaborar podcasts; folhear uma revista...em TODOS os lugares podemos encontrar as clivagens fundamentais para os estudos de gênero: classe, raça, etnia, sexualidades, geração e suas permissões ou interdições sociais. Viver é um grande laboratório de observações sobre a História e sobre o campo de disputas e domínios de gênero.

**Marta e Kenia** - Nesse cenário de "pânico moral", como os professores, especialmente os que atuam no ensino básico, podem trazer olhares de gênero para suas aulas?

**Ana Carolina** - A palavra “gênero” tem causado um grande burburinho exatamente porque ela não é estudada e, tudo que “se ouviu falar que”, em geral, vem acompanhado de muito medo e confusão. As mães, os pais, a direção, as professoras e professores, querem, em sua maioria, a melhor escolarização para as crianças e adolescentes. Quando paramos e conversamos com as pessoas, elas concordam que é fundamental para a educação abordar temas, como por exemplo: as desigualdades sociais e suas heranças históricas; a sobrecarga de trabalho materno; os maus-tratos com pessoas em situação de vulnerabilidade; as formas de violências com as mulheres; as faltas de respeito e assédio no ambiente de trabalho. E absolutamente tudo isso se relaciona com os estudos de gênero, portanto, não tem como deixar de incorporar essas temáticas nas aulas. Podemos parafrasear Shakespeare e dizer “Uma rosa mesmo sem esse nome, continuará a exalar o mesmo cheiro” ou assumir que os estudos de gênero são um campo fundamental, dentro de todos os parâmetros e regulamentos nacionais e internacionais, para uma Educação que visa dirimir as desigualdades sociais e culturais e elevar a igualdade democrática da Nação.

**Marta e Kenia** - Além das escritas acadêmicas, você tem escrito em outros espaços de comunicação, como por exemplo, uma coluna sobre maternidade as “Crônicas de Mãe”, na Revista ClaudiaOnline (<https://claudia.abril.com.br/blog/cronicas-de-mae/>). Você poderia nos falar um pouco sobre a configuração dessa parceria e sobre como é escrever para um público não acadêmico?

**Ana Carolina**- Tem sido uma parceria fantástica e uma experiência revigorante. A vida acadêmica tem uma demanda de trabalho extenuante, mas eu sempre mantive interesses e cultivei outras formas de me entender no mundo (eu sou escritora, poeta e professora/dançarina de dança do ventre). Muito embora a minha mudança para Goiânia tenha operado um focalizar nas atividades ditas acadêmicas, a vida sempre encontrou um jeito de se fazer presente em outras linguagens, quer seja pela poesia, quer fosse por um espetáculo de dança. A oportunidade que a ClaudiaOnline tem me proporcionado é dupla: criar um espaço de fala e, especialmente, um espaço de escuta entre as leitoras. A troca tem sido uma fonte de muita conexão com outras mulheres e eu sou muito grata a todas as mulheres incríveis que trabalham nessa Revista.

**Marta e Kenia** - Nessa sua dedicação a pensar as maternidades, você organizou em 2020 o livro “Maternidades plurais: Os diferentes relatos, aventuras e oceanos das mães cientistas na pandemia”, do qual participaram quase 150 mães cientistas (<https://www.editorabindi.com.br/maternidades-plurais>). Como você vê atualmente a condição das mães professoras, pesquisadoras e estudantes nas escolas, institutos federais e universidades? Que histórias te chamaram a atenção durante o processo de organização desse trabalho?

**Ana Carolina** - Organizar esse livro foi uma aventura que me conectou com tantas mulheres, que muitas vezes eu achava que seríamos engolfadas pelas ondas desses oceanos (risos). Mas, ao final, conseguimos a publicação do jeito que idealizamos: gratuita para as mães que escreviam e para as pessoas que poderiam baixar o exemplar gratuitamente pelo site da Editora Bindi. Os relatos são tão potentes e vibrantes que é difícil selecionar um ou dois, mas posso afirmar com certeza que o mais chamou a atenção de nós, organizadoras, é de que como as palavras “cansaço” e “exaustão” apareciam em TODOS os relatos. Acho que isso resume bem a primeira pergunta. Sobreviver no ambiente acadêmico sendo mãe é surfar um mar revolto todos os dias em cada linha que produzimos. É dar conta de mais trabalho que nosso corpo aguenta e, assim mesmo, continuamos a seguir. São sucessivas histórias de (re)existências e desistências pela falta de suporte e políticas públicas adequadas para nossa condição.

**Marta e Kenia** - Seu livro destinado ao público infantil, “Amar é verbo que rima com paz” recebeu uma menção honrosa da organização do Prêmio Educando para o Respeito à Diversidade Sexual em 2017. Como foi esse processo de escrita sobre gênero para um público infantil?

**Ana Carolina** - Esse livro é uma grande alegria da minha história: ele nasceu no puerpério da Clara Rosa, minha filha mais velha. Eu passei a gravidez dela procurando bons livros e reparei que não havia um livro voltada para crianças pequenas que falasse do Amor e suas diversidades. Já existiam alguns, para crianças mais velhas, envolvendo temáticas mais específicas como namoro e amizade, mas nada que falasse desse sentimento motriz tão profundo que temos. Então, eu decidi escrever um livro para a Clara Rosa. E assim o fiz, com ela em meu colo, enquanto eu a ninava, por alguns dias. Eu queria um texto que fosse de fácil compreensão e leitura. Algo que as crianças entendessem. Então, era uma cena simples, dentro de uma escola, a professora pede que as crianças desenhem algo para o “dia dos namorados” a partir de um desenho que um menino produz, a protagonista – uma menina que faz muitas perguntas – inicia um debate em sala sobre o que é amar e quais os limites desse sentimento. Dando um certo “spoiler”, algumas crianças se convencem que “Amar é o verbo que rima com Paz” e outras não. Isso foi em 2011. O texto ficou na minha gaveta como um projeto e eu, eventualmente, falava dele com pessoas amigas, porque eu tinha e tenho uma questão importante no quesito “livro infantil”: eu não sei ilustrar. Então, eu demorei alguns anos até encontrar virtualmente meu querido amigo e aliado, Alan Nóbrega, que topou imediatamente fazer a ilustração do livro e a editora Metanóia, que abraçou a produção e topou fazer a edição. Depois de 2017, pensamos que seria importante o livro ganhasse alcance internacional e eu chamei a querida

Cris Moraes, mega competente professora de inglês e amiga de longa data e, hoje o livro tem a versão em português e em inglês para quem quiser adquirir na editora, em livrarias físicas ou nas grandes livrarias virtuais *online*.

**Marta e Kenia** - No que se refere a esses debates no mundo do trabalho, especificamente na educação, que diálogos públicos têm sido efetivados e quais ainda são ausentes no que se refere às mães estudantes e trabalhadoras?

**Ana Carolina**- Avalio que essa é uma pauta que tem avançado e ganhado muito espaço, especialmente agora na pandemia, em que as casas foram “invadidas” pelo espaço público. As desigualdades dos cuidados domésticos e dos cuidados com as crianças foram escancaradas e muito foi preciso debater e colocar em pauta em 2020. Estamos no segundo ano da pandemia e algumas conquistas, como reconhecimento da necessidade de editais específicos para mães e/ou cláusulas para pontuação proporcional nos editais regulares, reconhecimento da existência das licenças-maternidades – pauta levantada pelo grupo do ParentsInScience – e as consequências disso na flexibilidade de prazos, tem ganhado uma importância cada vez maior nos diálogos públicos. Ainda há muito a ser trilhado, mas parece que finalmente o falso dilema mãe X carreira começou a ser efetivamente publicizado como uma questão que os feminismos precisam encarar para que TODAS as mulheres possam, de fato, escolher seus caminhos na vida sem serem julgadas: tanto no direito ao exercício da não-maternidade quanto ao exercício da maternidade sem culpa.

**Marta e Kenia** - Como você avalia as relações contemporâneas dos diversos segmentos dos movimentos feministas com as mulheres que são mães?

**Ana Carolina**- Os feminismos, como todos os movimentos sociais, são vários, múltiplos e plurais. Avalio de maneira positiva a maneira como as diversas pautas e demandas muitas vezes se entrelaçam com as questões maternas e a maneira empática como diferentes mulheres e lideranças têm se engajado para contribuir pela luta materna. De novo: não tenho a ilusão de que essa é uma questão que se faz de maneira harmoniosa e sem disputas. Todas as lutas encontram pessoas que se opõem, por diferentes razões aos argumentos e demandas. Portanto, é uma pequena minoria que, se existe, tem uma oposição completa e irrestrita à luta materna. O que se pode fazer? Sigamos. Somos muitas e eu realmente acredito na força de uma boa conversa, no respeito à divergência e de que juntas somos muito mais fortes!

**Marta e Kenia** - Podemos perceber em sua trajetória de trabalho como historiadora e também por essa conversa, que além da dedicação à pesquisa em suas várias modalidades, você busca

aberturas para debater, especialmente as questões de gênero, fora da academia. Como você vê essa ocupação de espaços de diálogos públicos por professoras e professores?

**Ana Carolina** - Acho que aqui eu deveria falar algo como “fundamental”, “precisamos mesmo ocupar espaços”, mas veja bem: eu não acredito que todas as pessoas são iguais e, logo, não acredito que todas querem ou devem seguir as mesmas trilhas. Eu considero vital para mim, no meu exercício como professora, como ser humana, como mãe, o diálogo. Eu sou fascinada pelas formas de existir no mundo e em conhecer histórias. Esse é um jeito bem acadêmico de dizer: eu adoro um bom bate-papo (risos) Como eu considero a Vida um lugar fascinante para se morar, acabo falando do que eu estudo em muitos lugares e dizendo mais “sim” do que “não” para os convites que aparecem. Agora, essa maneira aberta aos diálogos públicos, para alguns colegas, quer por sua personalidade ou maneira de viver, seria uma fonte constante de profunda angústia. Logo, eu vejo de maneira muito boa a ocupação de espaços públicos e o debate fora da academia, porque funciona para mim. E para quem isto fizer sentido sem sofrimento pessoal, “vamos juntas!”

**Marta e Kenia** - Ao lançar um olhar sobre os avanços e desafios referentes à incorporação dos estudos de Gênero no Ensino de História, sobre a produção historiográfica, bem como sobre a divulgação de pesquisas que fazem uso dessa categoria em diversos meios, que síntese você faria?

**Ana Carolina**- Eu destaco que temos que continuar a trabalhar de maneira simples, concreta e tangível os diferentes aspectos estratificados e racializados que compõem as disputas de poderes entre os gêneros. E que toda luta sempre virá com oposições e é preciso resistir e ocupar. Há um inegável avanço da produção historiográfica sobre o uso da categoria de gênero no Ensino de História e esse é, como foi a minha trajetória pessoal, “um caminho sem volta” em toda produção dos conhecimentos históricos. Ainda há muito o que avançar, em especial nos estudos que aprofundam as clivagens da categoria de gênero na História, e as falas produzidas em sala são balizas fundamentais para entender como os ativismos sociais se amalgamam com as investigações sobre o passado e encontram eco nos anseios das crianças e adolescentes por uma História que todes possam se enxergar nelas e que faça realmente sentido como nosso passado conjunto, coletivo e diverso: igual ao mundo, cheio de pessoas diferentes e interessantes.

**Marta e Kenia** - Professora Ana, mais uma vez agradecemos muito a sua disponibilidade para essa conversa, ficamos imensamente felizes por podermos publicar suas palavras que podem inspirar tantas professoras, professores e estudantes!



**Ana Carolina - Estou** agradecida pela conversa e pela generosidade. Espero que os leitores e leitoras gostem. Estou à disposição para outros diálogos. Muito obrigada pelo convite. Fiquei muito emocionada mesmo!